

---

## TRAJETÓRIA DE PESQUISA: A AUTOBIOGRAFIA COMO EXPERIÊNCIA FORMATIVA

---

**Mylene Cristina Santiago<sup>1</sup>**

**Resumo:** A oportunidade de escrever sobre trajetória de pesquisa é um convite a reviver memórias e criar narrativas, considerando que a trajetória de pesquisa tem início na formação inicial do pesquisador e se trata de um processo sempre em construção, não limitei minha narrativa aos processos formativos voltados exclusivamente às experiências decorrentes do processo de mestrado e doutorado. Reviver memórias e contar história sobre como me constitui e, de forma contínua permaneço imersa em um processo formativo como pesquisadora, foi o principal objetivo desse artigo que assumiu dimensão de uma narrativa autobiográfica. Com a proposição de romper cercas e construir pontes, narro caminhos que perpassam por instituições, grupos de pesquisas e filiações teórico-metodológicas com as quais tenho dialogado no decorrer de minha trajetória de pesquisa.

**Palavras-chave:** Pesquisa. Formação. Autobiografia.

### Introdução

Uma das maiores barreiras relatadas e experimentadas por estudantes de pós-graduação é encontrar um caminho metodológico para desenvolver sua pesquisa. Não existe um único método, existem métodos e as incertezas da escolha. Através do artigo “Pelos caminhos e descaminhos do método”, Geraldi (2004, p. 604) nos convida a uma viagem que indica que *“os percursos metodológicos não definem o caminho, pois a pesquisa se faz pela “emergência de noções que ampliam o conhecimento” e “vai se desenhando como prática de errância e de produção, também, da ignorância.”*

Pesquisar é um ato de fazer escolhas, tomar decisões, assumir equívocos em busca de novas formas de compreensão das pessoas, dos eventos, das realidades. O processo de produção de pesquisa, ou seja, os temas que abordamos e os modos como abordamos estão relacionados com os contextos sócio-histórico-científicos.

As contradições socioculturais e econômicas imbricam-se com as contradições e rupturas nas formas de conhecer, trazendo mudanças nos modos de investigar, induzidas pelas circunstâncias de ambiguidade, indeterminação, instabilidade, descontinuidade, multiplicidade de determinações, complexidade, interdisciplinaridade e de pluralismo teórico. Assim como emerge, no conjunto das discussões sobre as sociedades humanas, com o intercâmbio que vem se processando entre todos os povos do mundo, a questão da diversidade de

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Educação da UFJF. mylenesantiago87@gmail.com

costumes, religião, gosto musical, ritos, e, mesmo dentro de nações, nas quais a circulação das pessoas se intensifica entre diversas localidades, emergem na pesquisa educacional e em seus conhecimentos os fatores decorrentes desse contexto (GATTI, 2006, p. 20).

O processo de formação do pesquisador é também um processo de formação autoral. Para além de escolhas relativas à condução da pesquisa, inevitavelmente precisamos assumir um processo autoral de escrita. Escrever é uma experiência transformadora. Nas palavras de Larrosa e Kohan (2016, p. 7) *“se alguma coisa que nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo.”*

A formação do pesquisador-autor pode ser considerado como um processo sempre em construção. Nesse contexto, como apoiar os estudantes com temas de pesquisa na pós-graduação? Não existe resposta única, mas podemos considerar que conhecer narrativas sobre trajetórias de outros pesquisadores pode ser um caminho bem inspirador. O Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, investe nessa experiência ao convidar professores para participar de atividades formativas através de rodas de conversas entre professores pesquisadores e estudantes de pós-graduação.

Dialogar com a experiência de outros pesquisadores, conhecer suas histórias formativas, suas paixões e narrativas podem ser uma estratégia relevante para estudantes que estão iniciando seus processos de pesquisa. Uma experiência jamais é comparável à outra, mas a narrativa de uma vivência-experiência pode estimular desejo por novos conhecimentos e acontecimentos.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade e, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2016, p. 25).

A possibilidade de os diálogos com as trajetórias de pesquisa se converter em tempos de delicadeza é um investimento que precisa acontecer com frequência nos espaços acadêmicos, para que possamos nos reconectar com nossas paixões e esperanças e estimular que outras pessoas busquem suas paixões e esperanças, escrevemos e pesquisamos porque acreditamos que as mudanças são possíveis.

Compartilhar nossa trajetória de pesquisa permite reviver acontecimentos e reelaborar nosso processo formativo, desse modo recorri a pesquisa (auto) biográfica que, simultaneamente é considerada como método de investigação qualitativa e como prática de formação. Nos estudos

biográficos, a escrita de si é tratada como um dispositivo mediante o qual a pessoa que escreve é levada a refletir sobre seu percurso de formação. Consideramos que escrever e interpretar o que foi significativo para determinar modos de ser, seja como aluno seja como professor-pesquisador-orientador, são, ao mesmo tempo, atividades formadoras e podem dar acesso ao mundo da academia visto pelos olhares de seus protagonistas (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011).

Apresento minha trajetória de pesquisa dialogando com atores, instituições e temas que fizeram/fazem parte dessa jornada, buscando demonstrar através da narrativa autobiográfica que o processo de formação do pesquisador é contínuo e sempre inacabado.

### **Trajétória de pesquisa: rompendo com cercas e construindo pontes**

A inclusão em educação passou a fazer parte da minha vida desde o início da graduação, período em que tive contato com a iniciação científica e intensa convivência com professores e colegas que discutiam essa temática no Núcleo de Educação Especial da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, atualmente Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diversidade (NEPED). Inicialmente o termo inclusão teve grande repercussão na Educação Especial e ainda hoje convivemos com grupos que discutem a inclusão em educação voltada exclusivamente para pessoas com deficiência. Em 2002, o conceito de inclusão era ainda predominantemente empregado para o grupo de pessoas com deficiência, fato que me motivou a realizar o Mestrado focando o processo de formação de professores nos Cursos de Pedagogia das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) Mineiras. A dissertação referia-se ao discurso acerca do atendimento educacional às pessoas com deficiência, por compreender, naquele momento, que se tratava do grupo que vivenciava maior exclusão no espaço educacional pelo fato da educação especial ter se constituído historicamente como sistema paralelo.

Optei por entrevistar pessoalmente 5 professores nas IFES que ofereciam o curso de licenciatura em Pedagogia, desse modo a coleta de dados resultou em deslocamentos e encontros com pessoas, cidades e universidades em Uberlândia, Belo Horizonte, São João Del Rei e Viçosa. O quinto professor era Carlos Alberto Marques, cujo encontro ocorreu na própria UFJF. Cada professor/a, cidade e universidade significou uma história e verdadeiros ensinamentos que guardo em minha lembrança afetiva até hoje, porque pesquisa é feita também por experiências e afetos. Cada professor/a que conheci através do pretexto da entrevista, trouxe significados para a produção de uma pesquisa e contribuíram para preencher um pouco do meu inacabamento.

No período do mestrado, o discurso predominante dos professores da educação básica era sobre o despreparo para receber e trabalhar com estudantes com deficiência. Por essa razão, busquei conhecer os currículos e realizar entrevistas não estruturadas com professores universitários que ministravam a disciplina de Educação Especial nas IFES Mineiras: Universidade Federal de Minas

Gerais (UFMG), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Essa pesquisa permitiu considerar a necessidade de revisão dos cursos de Pedagogia das IFES Mineiras no que se refere às ações necessárias para promover a formação de professores para a diversidade, e nos levou a constatar a correlação entre formação inicial e despreparo para o trabalho pedagógico com a diversidade dos estudantes que frequentam nossas escolas (SANTIAGO, 2001). Para dialogar com esse tema, eu e minha orientadora, prof<sup>a</sup> Dra. Luciana Pacheco Marques, elegemos Eli Orlandi (1993, 1996) e a análise de discurso que nos permitiu compreender os efeitos ideológicos dos discursos, os processos de produção de sentidos, os efeitos da interpretação e o significado do silêncio nas palavras. A análise de discurso, nessa perspectiva, para além de um gesto de interpretação, se trata de um verdadeiro exercício de escuta.

Voltando ao tema da inclusão, que perpassa toda minha trajetória de pesquisa e vida, posso considerar que atualmente existe maior compreensão de que a inclusão em educação é para todos, principalmente para aqueles que sofrem barreiras e exclusões, em função, do modo como a sociedade trata com indiferença as diferenças ou, por outro lado, atribuem à diferença o estatuto de deficiência, no sentido de inferiorizar, hierarquizar ou rotular aqueles que fogem aos padrões estabelecidos como *normais*. Incluir, portanto é um processo que afirma o direito de cada um ser quem é, transitando em todos os espaços físicos e virtuais sem barreiras de acessibilidade e, sobretudo, atitudinais.

Com o decorrer dos anos houve mudanças no cenário político, como legislações e políticas curriculares que nos propõem refletir sobre as desigualdades e possíveis formas de superá-las. Todavia, a questão da baixa qualidade na educação se manteve e minhas inquietações se ampliaram. Em 2008 fui aprovada no processo seletivo de doutorado em educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse período estava professora e coordenadora pedagógica da rede municipal de Juiz de Fora, exercendo as funções na Secretaria de Educação. Atuava com políticas de inclusão nas escolas municipais, as questões eram muitas: diversidade em educação; políticas de inclusão, atendimento educacional especializado; política de promoção da igualdade racial; política contra a homofobia, entre outras. Ambiente fértil para experimentar os desejos e as barreiras para mudanças. Muitas aprendizagens, muitos (des) encantos e muitas perguntas.

Impressionante conhecer de perto o empenho legítimo de educadores com o processo de formação continuada e o empenho para transformar a realidade de estudantes que sofrem barreiras à aprendizagem, causadoras de grande prejuízo em suas trajetórias escolares. Entre as várias ações desenvolvidas pela Secretaria de Educação de Juiz de Fora, senti forte atração com a proposta dos Laboratórios de Aprendizagem (LA), que se constituía em uma estratégia para diminuir ou eliminar as desigualdades educacionais.

Após um período a deriva, ou seja, sem orientador e sem projeto, em viagens semanais, que se tornariam frequentes nos próximos 10 anos, os Laboratórios de Aprendizagem das escolas municipais de Juiz de Fora (MG) me chamaram a atenção, a ponto de levar-me a empreender uma pesquisa com o propósito de conhecer a proposta do LA e suas relações com o processo de inclusão/exclusão dos estudantes.

Justifico o binômio inclusão/exclusão pelo fato de que estar dentro da escola não significa estar incluído, o acesso é apenas uma das peças desse enorme quebra cabeça. Para muitos estudantes, diferenças culturais, raciais, religiosas, físicas, de orientação sexual, de ritmos de aprendizagem, condição socioeconômica, se traduzem em verdadeiros obstáculos para a participação e para a aprendizagem escolar.

Ao eleger um programa cujo contexto fazia parte do meu cotidiano de trabalho, assumi desafios éticos e políticos. Como analisar a política municipal e encaminhar os posicionamentos críticos em uma perspectiva de avaliação, possibilidade e autocrítica? A pesquisa e a escrita de uma tese é uma atividade infundável, o número de leituras representa o número de reescrita, até que o limite do tempo nos impõe uma versão sempre provisória e que, portanto, sempre poderia ser outra. Os impasses por mim vivenciados foram narrados por importantes pesquisadores da área da educação. Follari, Garcia, Moreira e Soares (2001) na obra “Para quem pesquisamos e para quem escrevemos”, esclarecem que resposta a essa pergunta faz toda a diferença em uma pesquisa e (re) afirma nossas adesões políticas e ideológicas.

O processo de pesquisa pode ser solitário, mas pode ser feito de encontros e participação em grupos de pesquisa, meus caminhos se cruzaram com o Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação (LaPEADE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que desenvolvia e permanece desenvolvendo pesquisas científicas que usam o Index para a Inclusão (BOOTH; AINSCOW, 2012) como instrumento teórico-metodológico. O Index para a Inclusão se estrutura a partir das dimensões de construção de culturas, desenvolvimento de políticas e orquestração de inclusão e de exclusão, no sentido de identificar barreiras à participação e à aprendizagem para então buscar, coletivamente, transpô-las.

Dimensão da orquestração de prática, articulada com as dimensões culturais e políticas, assumiu especial importância na pesquisa de doutorado, a ponto de admitirmos metaforicamente que uma orquestra com seus diversos e diferentes instrumentos nos transmite a sensação que seria inconcebível que tanta diversidade de sons e de características possa produzir harmonia. Migrando esse exemplo para o contexto escolar, constatamos a existência de diferenças e singularidades em nossos estudantes; todavia, na perspectiva que adotamos, cada um em sua diversidade enriquece o contexto de sala de aula e a necessidade de recursos para viabilizar sua participação e sua aprendizagem. A harmonia da orquestra se transforma em aprendizagem para todos no contexto

escolar. Uma vez que a orquestra é harmônica em virtude da regência de um maestro (mestre), podemos inferir que a prática pedagógica também pode produzir harmonia, em termos de oportunizar a aprendizagem para todos, à medida que o mestre saiba explorar a potencialidade de cada um e suas diferenças, enquanto recurso que possibilite maior riqueza de significados e de sentidos que circulam no contexto escolar (SANTIAGO, 2011).

A participação no grupo de pesquisa, o trabalho de campo nas escolas e a atuação profissional se constituíram em um conjunto de fatores que possibilitaram diálogos e uma busca gradativa da necessária autonomia para a constituição de uma escrita autoral. Entre teorias, diálogos, enunciados, frustrações, separações, deslocamentos, alegrias, conquistas uma tese se materializou. Qual o maior aprendizado? Foi aprender que precisamos transformar cercas em pontes. Quem me ensinou foi uma menina de 8 anos, ao dizer: *“Já sei tia, estão construindo uma cerca para separar os estudantes que sabem ler daqueles que não sabem”*. Era exatamente o que precisava ouvir para compreender o que representavam as barreiras que as crianças rotuladas como fracassadas sentem. Essa frase traduzia os impedimentos, as interdições, as cercas produzidas que impedem inúmeros estudantes de serem autores de sua própria história no que tange ao processo de aprendizagem.

Transformar cercas em pontes tem sido a busca e o fio condutor de minhas relações interpessoais, assim como de minhas ações voltadas para o ensino, pesquisa, extensão. Pensava que minha trajetória de pesquisa terminaria com defesa da tese, mas estava enganada, pois ela estava apenas iniciando. Para esse processo de construção de pontes, dialogamos com Ball e Bowe (1996), Fairclough (2001) e Booth e Ainscow (2012).

A análise crítica do discurso de Fairclough (2001) revelou que nossas dimensões de análise são, sobretudo, dimensões discursivas e que ao nos instaurarmos em um movimento de mudança, por conta da necessidade de romper com os processos de exclusão institucional em suas diversas formas de manifestações, nos damos conta de que nosso discurso condiciona e é condicionado por nossos valores, práticas, posicionamentos, enfim, todas as nossas ações sociais são constituídas e constituem nossos discursos.

De modo similar, a adoção do Ciclo de Política de Ball e Bowe (1992) nos permitiu compreender que somos produtos e produtores das políticas educacionais e que nossa relação com a política, em sua esfera micro/meso/macro, precisa ser reposicionada no sentido de estabelecermos uma relação que não seja fundamentada na verticalização, mas que nos permita a apropriação e a significação de cada proposta em seu contexto específico.

O Index para Inclusão (Booth; Ainscow, 2012) por sua vez, nos permitiram dimensionar que construção de culturas, desenvolvimento de políticas e orquestração de práticas se mesclam, assumindo seu caráter de interdependência, resultando na dificuldade de caracterizar e diferenciar

uma dimensão da outra, o que de certa forma não diminui a relevância das mesmas, mas reafirma o caráter constitutivo entre elas.

Após concluir o doutorado, em poucos meses me tornei professora da Universidade Federal Fluminense. Descobri-me como professora de didática, lecionando para todos os cursos de licenciatura de diferentes áreas do conhecimento (biológicas, humanas e exatas). Passei a conviver e acolher dúvidas e incertezas. O cotidiano de uma universidade pública trazia novas possibilidades, perguntas e interações. Novas pontes seriam construídas, fui convidada a participar como pesquisadora no Observatório Nacional de Educação Especial (ONEESP), uma rede formada por pesquisadores de Instituições de Ensino Superior (IES) que, de forma colaborativa, pesquisavam a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva (BRASIL, 2008).

No contexto do Rio de Janeiro, reuniram-se 5 IES (Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Essa pesquisa permitiu aproximações com novas metodologias e instrumentos de pesquisa, assim como, novos encontros e produções bibliográficas, entretanto, o maior benefício que posso destacar foi a vivência da pesquisa colaborativa. Para Desgagné (2007, p. 10):

A pesquisa colaborativa se articula a projetos cujo interesse de investigação se baseia na compreensão que os docentes constroem, em interação com o pesquisador, acerca de um aspecto da sua prática profissional, em contexto real. Em consequência, o papel do pesquisador, no referido projeto colaborativo, se articula essencialmente em função de balizar e orientar a compreensão construída durante a investigação.

A pesquisa não se limitou ao estudo entre professores do ensino superior, se ampliou para a oportunidade de ter contato com as escolas e com as professoras que realizavam o Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas salas de recursos multifuncionais. Uma das estratégias de coleta de dados associada ao processo formativo foi o grupo focal ou entrevista coletiva, que consistiu em 3 momentos distintos com grupos de professores de diferentes municípios do estado do Rio de Janeiro. Essas entrevistas eram verdadeiros momentos formativos e dialógicos no sentido de reflexão sobre as práticas.

Com base nas fragilidades apresentadas pelos professores durante as entrevistas, no que tange aos processos formativos e barreiras nas práticas do AEE, organizamos cursos de extensão com o propósito de estabelecer diálogos mais próximos. Juntos, professores da Educação Básica e do Ensino Superior, estudantes de graduação e pós-graduação se colocavam na tarefa de organizar e sistematizar a proposta formativa de extensão que, entre diversas ações e produções, gerou um dossiê intitulado “Da inclusão que temos à escola que queremos”. O Dossiê se tratava de uma

construção coletiva e colaborativa que reunia trabalho, relatos e sonhos, uma das principais funções da tarefa educativa e formativa.

O fim de uma proposta de trabalho coletivo é o início de novas propostas, mas a finalização desse ciclo e o encontro com a pesquisa colaborativa redefinem minhas concepções e me transformam enquanto professora-pesquisadora. Ao encerrar o ciclo do ONEESP, fui convidada pela prof<sup>a</sup> Dra. Mônica Pereira dos Santos e outros colegas, ao desafio de iniciar o Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (OIIIIPE) com objetivo principal de investigar contradições e perspectivas emergentes em propostas e experiências de inclusão, interculturalidade e inovação pedagógica desenvolvidas no processo de formação de educadores em universidades nacionais e internacionais, por meio de variadas metodologias e de subprojetos de pesquisa desenvolvidos colaborativamente pelas universidades participantes, sendo respeitadas as demandas regionais de cada Instituição de Ensino Superior (VASCONCELLOS; SANTIAGO, 2018).

Novos encontros e pontes são construídas com histórias, culturas e idiomas diferentes. As pontes ultrapassam fronteiras e continentes. Através da pesquisa podemos acessar o mundo, mesmo que seja um mundo simbólico, produzido por significados e significações. Descortinando novos horizontes, consigo voltar para a UFJF, onde tudo começou. Volto com novas experiências, reencontro minhas raízes e pessoas com as quais iniciei meu processo formativo.

Ao retornar sou acolhida pelo Departamento de Educação e pelo espaço do Núcleo de Formação de Professores, Alfabetização, Linguagem e Ensino (FALE), descubro que ainda pertenço ao Núcleo de estudos e pesquisas em Educação e Diversidade (NEPED), mas agora aprendi a construir pontes e sei que podemos pertencer a vários espaços, nos dedicar a diferentes grupos e saberes, não há traição nesse gesto.

Nessa nova fase, lanço-me à extensão, experimento o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e aceito o desafio de coordenar o Núcleo de Apoio à Inclusão juntamente com a colega e companheira de ideais Prof<sup>a</sup> Dra. Katiúscia Vargas. Com esses mergulhos, novas pontes são e continuarão sendo construídas.

### Comentários finais

Percebo que o convite para falar de minha trajetória de pesquisa representa um convite à pesquisa autobiográfica, por acionar memórias e narrativas, remetendo à trajetória de vida de cada pesquisador. Formamo-nos e transformamo-nos a cada etapa, a cada processo formativo. Em dado momento pesquisa, ensino e extensão se inter cruzam numa articulação que rompe fronteiras, ficando difícil definir cada ação.

A constituição de um pesquisador é um processo infundável, portanto inacabado. Minha trajetória de pesquisa encontra-se em construção, até o presente momento tenho me esforçado



para romper com cercas que aparentemente são intransponíveis para que, junto com as pessoas que aceitam ou me convidam para novos diálogos, possa construir pontes que viabilizam novos encontros e possibilidades.

## Referências

BALL, Stephen. Cidadania global, consumo e política educacional. In: SILVA, Luiz Heron da. **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 121-137.

\_\_\_\_\_. Sociologia das políticas educacionais e pesquisa crítico-social: uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional. **Currículo sem fronteiras**, v. 6, n. 2, p.10-32, jul./dez. 2006.

BOOTH, Tony; AINSCOW, M. **Index para a inclusão** - desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Tradução de Mônica Pereira dos Santos. Rio de Janeiro: LaPEADE, 2002.

BRASIL. **Política de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducoespecial.pdf>. Acesso em 20/08/2020.

BUENO, B. O Método (auto)biográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, v.28, n.1, p.11-30, 2002.

DESGAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio/ago, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FOLLARI, Roberto A.; GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antônio Flávio; SOARES, Magda (orgs). **Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais**. São Paulo, Cortez, 2001. 120p.

GATTI, B. A. A Pesquisa na pós-graduação e seus impactos na educação. **Educação & Linguagem**, v.9, n.14, p.16-33, jul./dez. 2006.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: LARROSA, Jorge. **Tremores - escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ONEESP. **Observatório Nacional de Educação Especial: estudo em rede nacional sobre as salas de recursos multifuncionais nas escolas comuns**. Disponível em <http://www.oneesp.ufscar.br/> Acesso em 20/08/2020.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **As formas de silêncio**. Campinas: Unicamp, 1993.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de and VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educ. rev. [online]**. 2011, vol.27, n.1 [cited 2020-08-23], pp.369-386. Available from:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982011000100017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100017&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0102-4698. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>.

SANTIAGO, Mylene Cristina. **A formação de professores na IFES Mineiras**: a diversidade em questão. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2002.

SANTIAGO, Mylene Cristina. **Laboratório de Aprendizagem**: das políticas às práticas de inclusão e exclusão em educação Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

VASCONCELLOS, Mônica; SANTIAGO, Mylene. Grupo de pesquisa “Formar”: inovação ou reinvenção de saberes? **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 8, n. 22, p. 35-46, nov. 2018. ISSN 2237-258X. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/9043/4731>>. Acesso em: 22 ago. 2020. doi:<https://doi.org/10.30612/eduf.v8i22.9043>.